DO ESGOTAMENTO DO LULISMO AO FORA DILMA: UMA ANÁLISE DAS DINÂMICAS DOS PROTESTOS DE JUNHO DE 2013 A AGOSTO DE 2016

Mário Rogel Rocha Filho (PIBIC/Fundação Araucária/UEPG), Murilo Duarte Costa Corrêa (Orientador), e-mail: mariorogelrocha@gmail.com; e-mail do orientador: mdc.correa@gmail.com.

Universidade Estadual de Ponta Grossa. Departamento do Estado/Ciências Jurídicas.

Ciências Sociais Aplicadas. Direito. Teoria do Direito. Filosofia do Direito.

Palavras-chave: multidão, polarização, política institucional.

Resumo

Junho de 2013 representou um ponto de inflexão na política brasileira. Sob este prisma, o “antes e depois” de junho representa uma análise fundamental para compreendê-lo. O esgotamento do lulismo foi escancarado nas Jornadas de Junho. Por um lado, as consequências de Junho refletiram na falência da esquerda institucional; por outro, na emergência e visibilidade de movimentos de direita, caracterizando-se uma polarização política no cenário institucional, especialmente sensível durante as eleições de 2014. Das Jornadas de Junho surgem discursos divergentes. Esta pesquisa busca investigar o esgotamento do lulismo como uma das chaves para o advento das Jornadas de Junho, avaliando, comparativamente, a persistência, ou não, das dinâmicas e das estratégias das manifestações de junho de 2013/2014 nos protestos verde-amarelos dos anos de 2015/2016, que encontram no impeachment de Dilma Rousseff seu marco institucional.

Introdução

Este estudo tem como objeto a dinâmica dos movimentos de junho de 2013 e dos protestos verde-amarelos. Traz como hipótese a não continuação dessas dinâmicas, sendo Junho um movimento cuja potência se mostrou incapturável pelo sistema político institucional. Os movimentos verde-amarelos, por outro lado, representariam um momento de polarização política com o seu oposto: a luta de narrativas golpe/*impeachment*. Junho, seguindo os movimentos globais que decretam o fim da democracia liberal, conceitualmente se encaixaria com o conceito de multidão, de Antonio Negri e Michael Hardt. Parte-se da análise do lulismo, que alterou a composição social e política da sociedade brasileira com suas políticas sociais; com um segundo período de ensaio desenvolvimentista para chegar às jornadas de junho de 2013. Este levante foi um movimento que deixou exposta a crise do sistema político brasileiro.

As Jornadas de Junho de 2013 marcaram um período de início de grandes manifestações. A hipótese da pesquisa, de não continuação das dinâmicas do levante de junho de 2013 nos movimentos verde-amarelos de 2016, encontra divergências na literatura especializada, que de um lado entende junho como um levante que abala o sistema político como um todo, indo às ruas reivindicar uma democracia radical, um movimento que reivindica a política para si. Por outro lado,

alguns autores entendem como um movimento fascista que em sua linha evolutiva teria ocasionado o *impeachment* de Dilma Rousseff.
Portanto, buscou-se analisar esses três diferentes momentos: o lulismo e os governos Dilma, principalmente no que concerne à composição social e política que se altera nos governos Lula com as políticas sociais de distribuição de renda, e nos governos Dilma, com os conflitos com o desenvolvimentismo; o levante de junho de 2013, com alguns de seus atores e dinâmicas; por último, o movimento verde-amarelo.

Revisão de literatura

O material e o método utilizados para a elaboração da pesquisa a revisão bibliográfica de literatura especializada (artigos e livros) sobre o tema. A primeira parte da pesquisa foi voltada para o estudo da bibliografia dos anos do lulismo; a segunda parte se concentrou nos estudos de junho de 2013 e a terceira parte para os movimentos verde-amarelos, com uma análise das eleições de 2014, que fortaleceu a polarização política.

Resultados e Discussão

Os anos do lulismo, já como dava norte a carta ao povo brasileiro, foram marcados pelo forte caráter conciliatório das tensões sociais. O presidente Lula manteve as bases econômicas do governo FHC, o chamado tripé neoliberal, e por outro lado buscou com políticas de distribuição de renda (Bolsa Família) e com a valorização do salário mínimo diminuir a desigualdade social.
A composição social da sociedade brasileira começa a se alterar com a ascensão da "nova classe média" no decorrer dos anos petistas, expressão cunhada por Marcelo Neri e outros cientistas políticos, baseada em uma ótica estratificada voltada para a renda e consumo. Giuseppe Cocco (2015, p.07-24) entende que os anos do lulismo deu às populações desfavorecidas espaço para se constituírem politicamente, dando a elas as condições materiais para tornar cidadãos. Nos governos Dilma, o lulo-petismo passa para o período de ensaio desenvolvimentista. Este período foi marcado por um conflito entre política institucional e a população.
O Brasil passava por um período de grandes eventos internacionais e para isso acontecer várias medidas foram tomadas pelo governo ao revés da população mais pobres. As cidades passaram por um processo de especulação imobiliária com as obras, houve a "pacificação" das favelas, as obras faraônicas de hidrelétricas, além das remoções dessas pessoas para essas obras – na cidade houve remoção e despejo da população, nas hidrelétricas houve grande conflito com as reservas indígenas e greves dos trabalhadores.
Este início de convulsões terá junho de 2013 seu corolário. Junho teve início com o MPL se manifestando nas ruas, mas com a repressão policial a manifestação toma proporções incontroláveis, com pautas diversificadas.
A dinâmica principal dos movimentos de junho é a horizontalidade - sem lideranças ou hierarquias- e a autonomia quanto à política institucional – sem partidos políticos como organizadores-, tendo como principais atores nessas novas formas organizativas o MPL e os movimentos que utilizavam a tática de contrapoder *black bloc*. Junho tem um caráter multitudinário por ser uma soma da multiplicidade das singularidades, uma rede composta por diferenças internas que não podem ser reduzidas a uma identidade ou unidade (NEGRI; HARDT, 2005, p. 12).

A literatura especializada diverge quanto ao caráter dos movimentos, de um lado Jessé Souza (2016, p. 100) e outros autores entende Junho como o embrião de um movimento fascista que começa a tomar as ruas das cidades brasileiras; nessa linha, os movimentos verde-amarelo seriam uma continuação de Junho. De outro, entende-se que por ser um movimento multitudinário, não há como simplificar as manifestações em determinado grupo, em Junho não houve polarizações, mas um momento em que se observaram milhões de pessoas manifestando contra o sistema político brasileiro (MENDONÇA, 2017, p.130-159). Com a repressão a Junho, o movimento se arrefece com o passar do tempo, mas na cidade do Rio de Janeiro as ruas continuam a queimar com manifestações em que se via a continuação das dinâmicas de contrapoder junhistas pós-Junho de 2013: ocupa Cabral, manifestações pelo desaparecimento do pedreiro Amarildo e manifestações dos professores.

Em 2014, com a repressão policial e judiciária aos movimentos, os grandes eventos não tiveram a mesma latitude do ano anterior. O período eleitoral é um ponto de inflexão nos movimentos. Os partidos políticos tradicionais PT/PSDB polarizam o cenário eleitoral e começam a fortalecer discursos de caráter identitários nas eleições (PINTO NETO, 2017, p. 10). Dilma se elege, mas a operação Lava Jato começa a tomar corpo com vários políticos sendo presos. No final do ano de 2014 começa os primeiros movimentos verde-amarelo, de início a pauta principal é a anticorrupção, tendo um forte apelo antipetismo. Esses movimentos, puxados principalmente pelo MBL, VPR e Revoltados Online tinham a bandeira e camisa do Brasil como símbolos, tendo um discurso moral da política, se organizavam em grandes manifestações chamadas pelas redes sociais e mídia televisiva. Durante o ano de 2015, há um aprofundamento da crise econômica e o governo começa a praticar medidas de austeridade que estavam no plano político do adversário eleitoral. O discurso anticorrupção e antipetista passam para a possibilidade do *impeachment* de Dilma; as ruas são tomadas por uma falsa polarização, os movimentos binários: de um lado aqueles que pediam o *impeachment* e do outro a esquerda institucional unida com os movimentos sociais para barrar o golpe: “guerra de narrativas” golpe/*impeachment* (CAVA, 2016, p. 34). Essa falsa dicotomia, que é produto das polarizações que foi alimentada pelo sistema político, faz os movimentos, antes multitudinários, se tornarem movimentos polarizados em torno das narrativas políticas institucionais. A dinâmica destituinte/constituinte de Junho de 2013 se perde com esses discursos.

Conclusões

Junho de 2013 derivou em parte da potência constituinte dos sujeitos que emergiram com as políticas sociais de distribuição de renda do lulismo. Com as contradições do modelo desenvolvimentista, essas subjetividades irrompem nas jornadas, ignoradas pelos governos.

A crise de representatividade do governo pelo descompasso entre a sociedade e o sistema político transborda em junho, junto com as questões da cidade – onde as contradições do desenvolvimentismo se mostram mais patente.

No segundo momento, a repressão político-policial das Jornadas representou uma barreira à potência democrática do movimento. Os acontecimentos que se sucederam, as eleições presidenciais e as polarizações políticas, pacificaram Junho e deram sobrevida ao sistema político.

Com a mudança de correlação de forças, em razão do espectro constituinte/destituinte de Junho rondando Brasília, o sistema político se retroalimenta com suas novas alianças a partir da crise política que a operação Lava Jato ocasionou.

Os movimentos pró e anti-*impeachment*/golpe demonstraram ser um binarismo que domesticava a crise política para dentro do sistema político, dando aos movimentos de ruas que antes tinham uma dinâmica contrapoder, com novas formas organizativas, o único horizonte que o sistema político lhe deu como perspectiva: uma nova reposição das correlações de força no congresso em razão da "falsa polarização" – falsa porque os partidos políticos eram consortes no poder antes do *impeachment*, e continuaram consortes nas eleições 2016, pós-*impeachment*. As dinâmicas dos protestos, portanto, foram diferentes: Junho de 2013 foi um movimento contra o sistema político, um levante; MPL e *black blocs* representam Junho na forma organizativa por seu cunho radical (AUGUSTO, 2016, p.74), incapturável ao sistema político; os movimentos verde-amarelos e suas lutas binárias - "Fora Dilma" e "Fora Temer"-, por outro lado, foram oposições complementares no campo da política, este segundo momento é entendido como uma contracorrente ao levante de Junho (GOHN, 2017, s.p.); este segundo momento, dos movimentos verde-amarelos, se vê um forte caráter identitário que polarizou a discussão política. Junho continuará como um processo político aberto, um espectro que ronda Brasília, como um devir político da multidão de 2013.

Agradecimentos

Agradeço o financiamento da pesquisa à Fundação Araucária. Ao meu orientador, Murilo Duarte Costa Corrêa, e aos meus colegas de pesquisa Ana Carolina Ramlow e Carlos Picanço Wambier. Esta pesquisa será apresentada em forma de artigo em evento científico.

Referências

AUGUSTO, Acácio. **Mais além do "contra o golpe"**: subsídios para uma analítica do campo de luta. *Revista Ecopolítica*, São Paulo, n. 15, mai-ago, pp. 56-36, 2016.

CAVA, Bruno. O 18 de Brumário Brasileiro. In: CAVA, Bruno; PEREIRA, Marcio (Orgs.). **A terra treme**: leituras do Brasil de 2013 a 2016. São Paulo: Annablume, 2016.

COCCO, Giuseppe. **Korpobraz**: por uma política dos corpos. Rio de Janeiro: Mauad X, 2014.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Multidão**: guerra e democracia na era do império. Rio de Janeiro: Record, 2005.

SOUZA, Jessé. **A radiografia do golpe**: entenda como e por que você foi enganado. Rio de Janeiro: LeYa, 2016.

GOHN, Maria da Glória. **Manifestações e protestos no Brasil**: correntes e contracorrentes na atualidade. São Paulo: CORTEZ EDITORA, 2017.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino. **Singularidade e identidade nas manifestações de 2013**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 66, p. 130-159, abr. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i66p130-159>

PINTO NETO, Moysés. **Identidade de esquerda ou pragmatismo real?** Cadernos IHU ideias. Ano 15, n° 259, vol. 15, 2017.